*A INFLUÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS
COMUNICACIONAIS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CULTURAL E NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
IMATERIAL DE SÃO CAETANO DO SUL: ESTUDO
DE CASO SOBRE A REVISTA “RAÍZES”**

*Mayra OLIVEIRA**

*Antonio de ANDRADE***

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente projeto de TCC (Trabalho de Conclusão do Curso de Rádio, Televisão e Internet da Universidade Metodista) buscou apontar o papel e a influência exercidos, por um veículo público de comunicação, sobre a criação e a manutenção da identidade cultural e social de uma comunidade. Também aponta como tal procedimento se reflete na conscientização quanto à necessidade de preservar o patrimônio material e imaterial dessa cidade. O objeto de estudo escolhido foi a “Revista Raízes”, publicação semestral da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, cidade integrante do denominado ABC paulista. A mencionada revista tem, como característica primordial, a efetiva participação de articulistas-colaboradores, tanto leitores quanto personagens da história do cotidiano da cidade. A metodologia acadêmica utilizada fundamentou-se nos seguintes tópicos: revisão bibliográfica de livros, de publicações similares e artigos acadêmicos, entrevistas com funcionários da Fundação Pró-Memória, pessoas responsáveis pela implantação do Projeto Editorial da Prefeitura de São Caetano do Sul, e entrevistas com seis articulistas-colaboradores, pautadas no método da história oral. Em suma,

* Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

** Bacharel em Comunicação Social - Rádio, TV e Internet pela UESP - mayra.ataide.oliveira@gmail.com

*** Orientador do trabalho. Pesquisador e membro do Comitê Executivo da Cátedra Unesco/ Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, e-mail: antonio.andrade@metodista.com

pretendeu- se captar e resgatar aspectos da historiografia não oficial, por meio do testemunho de moradores, e analisar a relação estabelecida entre o cidadão sulsancaetanense e sua cidade, quanto à presença da “Revista Raízes” em seu cotidiano.

Palavras-chave: Identidade; comunicação; memória; patrimônio; política pública.

TEXTO DO TRABALHO

Quantas vezes você, leitor, já parou para se questionar como o conteúdo informativo que consome constrói sua real identidade? A resposta, certamente, será “não muitas”. Essa reação deve-se ao fato de a comunicação e a informação se encontrarem tão entranhadas no cotidiano, que sua influência acaba despercebida. Por essa razão, este trabalho visa a estudar, mais de perto, o elo entre a comunicação e seus meios e a formação da identidade, bem como ambos se refletem na preservação do patrimônio histórico de determinado local.

Como objeto de estudo, foi escolhida a “Revista Raízes”; como metodologia de pesquisa, a revisão bibliográfica; já para as entrevistas, utilizou-se o método da história oral. Ao final, este trabalho traz pequena amostra de como a “Revista Raízes”, devido a suas características peculiares, vem exercendo grande influência sobre a formação identitária de determinado núcleo social de São Caetano do Sul, bem como da maneira como essa identidade influencia a preservação patrimonial desse núcleo urbano.

CONCEITOS-CHAVE

O que é identidade e por que ela se mostra tão importante? Como os meios de comunicação trabalham a construção identitária? Como o sentido de identidade auxilia na preservação do patrimônio histórico de uma comunidade? E, afinal, de que forma a “Revista Raízes” trabalha todas essas potencialidades?

Quanto à identidade, realizou-se revisão bibliográfica, buscando compreender sua definição e sua aplicação ao meio social, para apontar qual a identidade difundida no município, com o auxílio da revista.

Segundo Castells, um dos autores escolhidos para discutir esse tópico, pode-se definir a Identidade Cultural como o “processo de construção de significado, com base em um atributo cultural, ou, ainda, em um conjunto de atributos culturais, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados” (CASTELLS, 1999, p.22).

Como se vê, em linhas gerais, o conceito de identidade relaciona-se, intimamente, à cultura, apresentando-se como “fonte de significado e expe-

riência de um povo” (CASTELLS, 1999, p.22), e do que ele escolhe enaltecer ou esquecer. Além disso, outro fato interessante, discutido por Castells, é que, “para um determinado indivíduo, ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 1999, p.22). Nessa direção, enaltece que nenhum indivíduo está livre de influências externas para a formação do seu “eu intrínseco” e, conseqüentemente, se encontra exposto a conflitos internos entre os papéis sociais que exerce e as identidades que carrega.

Essa fonte de significado e de experiência, também conhecida como “manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado” (SANTOS, 2000, s/p), pode, por exemplo, resultar da imposição de instituições dominantes sobre a sociedade. Isso porque, como se sabe, as relações de poder interferem na formação dos significados, na seleção do que se deve lembrar ou esquecer. Nessa direção, todavia, a identidade disseminada só valerá “quando, e se, os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização (CASTELLS, 1999, p.23)

Outro aspecto fundamental, também ligado às relações de poder, é que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (Castells,1999, p.23)

Lembrando que a identidade sempre resulta de uma construção e que as formas dessa construção interferem no resultado desse produto, mostra que “quem constrói essa identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são, em grande medida, os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade” (CASTELLS, 1999, p.23). Também ressalta, contudo, que esse conteúdo, ao chegar até o receptor, passa por filtros individuais, os quais “reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo e espaço” (CASTELLS,1999, p.23)

Desse modo, a localização espacial e temporal do indivíduo interfere, diretamente, na forma como se constrói essa identidade. Não é possível, por exemplo, afirmar que um sujeito europeu, do século XVIII, teve sua identidade moldada pelas mesmas influências de um sujeito contemporâneo. Portanto a análise social mostra-se fundamental para compreender qualquer identidade, argumento sustentado por, Stuart Hall, no livro “*A identidade na Pós-Modernidade*”. Nele, o autor afirma, sobre o sujeito pós-moderno, analisado neste artigo, que ele “assume identidades diferentes em diferentes momentos,

identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ ” (HALL, 2005, p.13), já que fortemente influenciados pelas transformações do momento histórico em vivem. Segundo Giddens, esse momento caracteriza-se por este traço:

As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas características mais íntimas e pessoais de nossa existência. (HALL apud GIDDENS, 2005, p.21)

Nessa direção, impõe-se conhecer o momento histórico dos leitores da “Revista Raízes”, para entender a dinâmica desse veículo de comunicação. Tratando-se do Patrimônio Cultural, importante ressaltar que ele possui verdadeiro valor, apenas quando existe na sociedade em que se localiza, tornando-se presente, não só como monumento, mas como organismo vivo. Patrimônio histórico pode ser definido como o “repositório de conhecimentos e valores construídos ao longo do tempo e transmitidos entre gerações” (MACHADO, 2010, p.120). Ele reflete o sentido de pertencimento existente na sociedade na qual se insere, pois uma sociedade que não dá valor a sua história não se consegue valorizar.

Nesse sentido, “a formação das mentalidades comprometidas com a sua preservação devem ser, portanto, um dos principais pilares das políticas de patrimônio” (MACHADO, 2010, p.120) de uma comunidade, que devem abranger todos os indivíduos que a ela pertencem pois “aí reside uma oportunidade de diálogo rico e criativo entre diferentes segmentos da comunidade, de forma que o patrimônio faça sentido na vida presente e no cotidiano das pessoas” (Ibidem, p.120)

É impossível preservar um patrimônio sozinho, mesmo que a iniciativa e o investimento partam do poder público, pois esse processo “se caracteriza por uma dimensão mais ampla, necessariamente coletiva que integra o modo como os grupos sociais organizam sua memória” (LONDRES, 2005, p. 162). Isso significa que uma sociedade que valoriza sua memória, sua história e suas origens consegue manter vivo seu patrimônio seja ele material, seja imaterial.

Portanto, a partir do momento em que um município possui uma Fundação Pró-Memória participante da sociedade, responsável pela publicação de um veículo de comunicação cujo principal objetivo é registrar e documentar a história e a memória do município de São Caetano do Sul, em teoria, cumpre o papel de valorizar sua memória e de colaborar com a preservação dos patrimônios materiais e imateriais da cidade. Entretanto este projeto buscou

saber se esse papel é claro para a população leitora da revista, bem como se esse objetivo é perceptível para os articulistas-colaboradores entrevistados.

Em relação à comunicação, para realizar este projeto, foi fundamental observar alguns aspectos importantes até o ano de 2016 (momento histórico em que se encontra a publicação analisada): como os meios de comunicação atuaram na formação, na manutenção e na articulação dos sentidos de identidade cultural e de preservação patrimonial.

Basicamente, esses meios sempre estiveram presentes na disseminação de ideologias; tratando-se, especificamente, do caso brasileiro, é possível observar que a mídia de massa – rádio e televisão – foi grande aliada dos governos desenvolvimentistas do século XX, iniciando-se na Era Vargas, década de 1930, com a radiodifusão, estendendo-se até o final da Ditadura Militar, década de 1980, com a televisão em rede nacional. Tal cenário repetiu-se na maioria dos países latino-americanos, que, durante o século XX, enfrentaram governos altamente repressivos, econômica e ideologicamente, ligados aos Estados Unidos.

Hoje, no século XXI, tanto rádio como televisão ainda existem, porém não possuem tanta força como no século passado. A internet chegou para mudar, drasticamente, diversos hábitos, principalmente a relação entre o produtor e o receptor das informações. Segundo pesquisas do IBGE, em 2016, um pouco mais da metade dos brasileiros possuíam acesso à internet no país, enquanto o restante da população ainda tem, no rádio, na televisão e na mídia impressa sua principal fonte de informação. Portanto é equivocado afirmar que a internet se configura como soberana no território brasileiro. Por outro lado, contudo, o modo de a internet e o público se relacionarem vem sendo adotado pelas mídias tradicionais.

Nesse contexto, a grande sacada da “Era da Convergência”, nome atribuído por Henry Jenkins, é exatamente a sua definição: “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p.29). O consumidor que, nas mídias tradicionais, era apenas o receptor de conteúdo agora pode opinar, produzir e expandir o universo da informação, ou do produto midiático. Essa nova configuração permite-nos afirmar que, hoje, para que um veículo de comunicação se solidifique em uma sociedade, não pode ser unidirecional, do produtor para o receptor, mas estimular a troca de informações e a interatividade. A comunicação, nesse sentido, costura os interesses e possibilita que ideias, como o “sentido de identidade e pertencimento”, se mostrem presentes no cotidiano das pessoas, fazendo girar um círculo, sem impor, unidirecionalmente, um conceito.

A “REVISTA RAÍZES” E SUAS PARTICULARIDADES

A “Revista Raízes” constitui produto extremamente particular. Fruto de iniciativa da Secretaria de Comunicação da cidade de São Caetano do Sul, em 1989, a revista atua há 27 anos ininterruptos, durante os quais manteve o mesmo número de publicações semestrais e de tiragem por edição.

Desde 1991, a “Raízes” é de responsabilidade da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, descrita como:

Uma autarquia municipal, criada em 12 de junho de 1991, cujos objetivos são o resgate, a divulgação e a preservação do patrimônio cultural da cidade de São Caetano do Sul, que possui aproximadamente 140 mil habitantes. Subordinada à Secretaria da Cultura e sem fins lucrativos, a FPM é formada pelo Centro de Documentação Histórica, pelo Museu Histórico Municipal e pela Pinacoteca Municipal, além de contar com espaços expositivos espalhados pela cidade e mostras itinerantes. (AYALA, 2014, p.4)

A revista tem, como principal característica, funcionar como veículo de troca entre leitores e editores. De fato, desde sua criação, em 1989, a “Raízes” autodenomina-se uma revista colaborativa, por alimentar o conteúdo das suas publicações com artigos, fotos e depoimentos enviados pelos leitores, ou, como são chamados atualmente, pelos “articulistas-colaboradores”.

Segundo Aleksander Jovanovic, ex-secretário de comunicação da Prefeitura de São Caetano e responsável pela idealização do projeto, a revista buscava “registrar os mais diversos aspectos da formação sociocultural do município” (JOVANOVIĆ, 1989, p.2). Daí, a necessidade de criar um vínculo com o público leitor. Ainda segundo Aleksander:

“Raízes” vem impregnada da ideia de que o homem comum não é apenas ator da História, mas seu autor diário. Concebida como publicação semestral, visa a difundir, ao mesmo tempo, o trabalho que vem sendo elaborado pelo Museu Histórico Municipal, pelo grupo de pesquisadores da região e por pesquisadores que atuam no âmbito acadêmico. A expansão urbana, a ascensão social de diversos grupos, a alteração do meio ambiente e a necessidade de preservá-lo, a manutenção de tradições culturais heterogêneas são temas que devem merecer atenção. Afinal, está sendo dado sinal verde para a pesquisa séria e para o debate dos diversos aspectos da nossa própria história. (JOVANOVIĆ, 1989, p.2)

Esse objetivo vem sendo sustentado há 27 anos. Até o segundo semestre de 2016, foram publicadas 54 edições, além de outras 3 edições especiais. Algo curioso e único; afinal, são poucos os casos de políticas públicas culturais no Brasil que sobrevivem mais do que duas gestões municipais.

METODOLOGIA

A metodologia deste projeto consistiu em realizar a revisão bibliográfica de livros e de artigos, além da pesquisa documental na “Revista Raízes” e de entrevistas com seus editores e colaboradores.

A revista constitui publicação concebida e financiada pela Prefeitura Municipal, portanto pode ser considerada uma política pública cultural. Compreender o que seja uma política pública e qual seu papel na sociedade foi essencial para criar uma base, sobre a qual assentar o que se disserta sobre a publicação em vigor, o papel que desempenha na sociedade sulsancaetanense.

Realizaram-se várias conversas com os organizadores formais da publicação. Entrevistaram-se pessoas responsáveis por sua criação, em 1991, como o Professor Doutor Aleksander Jovanovic – membro da Secretaria de Comunicação do Município de São Caetano do Sul e responsável pelo projeto editorial de livros de 1989. Também foram entrevistados funcionários da Fundação Pró-Memória que, atualmente, trabalham com a revista: Monica Iafrate (coordenadora do centro de documentação histórica da Fundação Pró-Memória), Cristina Toledo de Carvalho (historiadora e membro do conselho editorial da “Revista Raízes”) e Paula Fiorotti (editora-chefe da “Revista Raízes”).

O objeto de estudo deste projeto tem, como principal característica, atuar como veículo de comunicação a permitir a participação do público, por meio do envio de histórias, depoimentos e fotografias. Afinal, essa revista valoriza a História Oral, a fim de preservar, em suas páginas, o patrimônio cultural imaterial e intangível. Por esse motivo, escolheu-se entrevistar um grupo de seis cidadãos de São Caetano do Sul, colaboradores da revista, com o intuito de verificar qual a influência desse objeto na formação de sua identidade cultural, além de observar qual a relação que mantêm com o patrimônio histórico material da cidade. Nesse sentido, fez-se a revisão bibliográfica, utilizando, como guia, o autor José Carlos Sebe Bom Meihy, com seu livro “Manual de história oral”, fundamental para a realização das entrevistas.

ENTREVISTAS

Para este projeto, realizaram-se seis entrevistas, com seis colaboradores, indicados pela editora-chefe da “Revista Raízes”, Paula Fiorotti. Os critérios de seleção foram simples: todos deviam ser leitores assíduos da revista e já ter participado dela, enviando textos, relatos e fotos, além de residir, preferencialmente, em São Caetano, ou no Grande ABC. Decidiu-se, também, que esse grupo deveria ser formado por três homens e três mulheres, a fim de garantir o equilíbrio de gênero. Como último critério, buscou-se conversar com pessoas de diferentes idades, a fim de ampliar as perspectivas do resultado.

Assim, as pessoas que compõem esse grupo são:

- Marcos Eduardo Massolini, 49 anos, Jornalista Freelancer;
- Renato Donizete Pinto, 44 anos, Professor de Educação Física;
- João Tarcísio Mariani, 72 anos, Advogado;
- Leonilda Verticchio, 81 anos, Costureira aposentada;
- Emília da Silva Barbosa, 34 anos, Historiadora;
- Waldir Borges de Sales Cantom, 76 anos, Professora aposentada.

O método escolhido para guiar tanto a escolha como as conversas em si com os colaboradores foi o da História Oral, descrito como “recurso moderno, usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos” (MEIHY, 2002, p.13) e por ser o “carro-chefe” da “Revista Raízes”, que, em sua concepção, valoriza esse método e dele se utiliza. Portanto houve um planejamento anterior à realização da conversa, a gravação desse conteúdo e a atenção devida do entrevistador no trato com o entrevistado, lembrando, a todo momento, que todas as informações expostas na conversa configuram algum significado, mesmo sem relação direta com a pergunta prevista no roteiro, previamente elaborado pelo entrevistador como guia.

Nesse contexto, durante as conversas, procurou -se saber quais as relações entre os colaboradores e a cidade de São Caetano, com a revista e com a fundação, os porquês e a origem desses sentimentos, responsáveis pela relação atual dessas pessoas com o veículo de informação. Analisou-se, também, em segundo plano, o nível socioeconômico dos colaboradores, a fim de verificar a qual nível de educação formal essas pessoas tiveram acesso durante a vida, e se consideram a revista como ferramenta essencial para difundir informações na cidade e para preservar seu patrimônio. O último tópico abordado foi descobrir a opinião dos colaboradores quanto à divulgação da Revista.

Diferentemente do esperado no início deste projeto, o resultado das entrevistas não constituiu fator fundamental para as conclusões, pois as respostas encontradas, apesar de advindas de pessoas diferentes, apresentaram muitas semelhanças. De fato, a grande maioria dos colaboradores acredita que a revista representa São Caetano do Sul em sua totalidade. Apenas duas pessoas discordaram, em parte, dessa afirmação, dizendo que gostariam de ver maior diversidade no conteúdo da revista, assim como maior tiragem, pois 2.000 exemplares constitui número pequeno, dado a cidade possuir 150.000 habitantes.

Desse modo, constatou-se que, apesar de as pessoas se diferenciarem em idade, gênero e profissões, a maioria pertence à mesma classe social, o

que configura uma característica do objeto estudado. Todos os colaboradores tiveram acesso à educação formal – uns mais, outros menos – e atuam, na sociedade, política e culturalmente, próximos ao que se pode considerar a “elite cultural” da cidade. Portanto a revista não atinge a totalidade do município.

CONCLUSÕES

As entrevistas realizadas para este projeto não apresentaram resultados muito transformadores em relação ao já esperado. A revista, como veículo de comunicação, responsabiliza-se por articular o sentido de pertencimento dos cidadãos sulsancaetanenses em relação ao município, contribuindo, assim, para reforçar o estereótipo do que seria a identidade cultural ideal dos moradores de São Caetano do Sul. Essas conversas revelaram o sentido de pertencimento muito embasado, que apresenta grande carga emocional e memorial, reforçadas, constantemente, pela “Revista Raízes”.

O grupo de colaboradores, embora diversificado em termos de gênero e de faixa etária, possui, em comum, o nível socioeconômico. Todos os colaboradores tiveram acesso a boas escolas durante a infância; a maioria cursou o ensino superior e quem não o fez manteve contato com história e política durante a vida. Ou seja, os seis colaboradores tiveram acesso a oportunidades que lhes permitiram o poder de escolha. Esse fator é fundamental para compreender por que, por exemplo, a maioria deles se sente representada nas páginas da revista, considerando-a um veículo importante para formar e disseminar a identidade do povo de São Caetano do Sul.

Existe uma identidade sulsancaetanense que se vem construindo junto à evolução desse município. Nessa direção, a revista, como veículo de comunicação, colabora para que esse “modo de ser” seja, constantemente, lembrado e propagado.

A “construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder” (CASTELLS, 1999, p.24), ou seja, reflete a sociedade em que se situa o indivíduo, na qual se podem formar alguns tipos de identidade. Ao analisar as entrevistas, junto ao conteúdo divulgado na “Revista Raízes”, foi possível identificar qual o tipo de identidade mais presente em São Caetano do Sul e, a partir daí, traçar paralelos com a construção social do município. De acordo com Castells (1999, p. 24), a identidade pode ser classificada em três tipos: legitimadora, de resistência e de projeto. A que mais amplamente se configura em São Caetano do Sul é a:

“Identidade Legitimadora: Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo.” (CASTELLS, 1999, p.24)

Dessa forma, a identidade estabelecida em São Caetano é formada de “cima para baixo”, não representa resistência, ou ideias, para mudar construções sociais. Ela reflete o que o governo municipal classifica como ideal, formando, assim, uma imagem do que seria o cidadão ideal de São Caetano do Sul, buscando construir uma unidade entre os habitantes do município, garantindo, assim, a continuidade dessa história.

A “Revista Raízes”, diferente do que levanta a hipótese deste projeto, constitui um meio de articulação, porém incapaz de formar uma identidade, apenas de reforçar estereótipos e ideais, construídos a partir de uma elite dominante, com grande participação no governo do município, uma vez que as relações de poder marcam a construção e o desenvolvimento do que é conhecido como identidade.

Tratando-se da preservação do patrimônio cultural da cidade de São Caetano do Sul, esta pesquisa constatou, através das entrevistas com os colaboradores e da análise sistemática da “Revista Raízes” que, sim, ela contribui, consideravelmente, para a documentação e a preservação do patrimônio cultural imaterial, através do registro de histórias, artigos e fotografias, enviados pela população. De acordo com Dominique Poulot, o patrimônio “permet, selon les cas, de revendiquer une place dans l’histoire, du faire valoir des droites ou de critiquer les maux du monde moderne” (POULOT, 2014, p.3). Ou seja, quando algo é documentado e institucionalizado como patrimônio, a história que esse objeto ou essa representação carrega, automaticamente, ganha espaço na história oficial, podendo, então, reivindicar seus direitos.

Nesse sentido, a “Revista Raízes” abre espaço para que patrimônios imateriais, no caso as histórias e os depoimentos do cotidiano dos leitores da revista, se tornem documentos oficiais, registrando a história do município de São Caetano e da região do Grande ABC, embora sob pontos de vista nem tão diversificados. A revista constitui publicação da Prefeitura, responsável por escolher o Presidente da Fundação Pró-Memória, que, por sua vez, decide quais os membros do Conselho Editorial – órgão composto por jornalistas, historiadores, memorialistas, membros da sociedade civil e do poder público e outros profissionais –, dedicado à realização de pesquisas e à produção de textos que difundam a história e preservem a memória regional. Mas, como não possui legislação específica, que garanta a participação diversificada de membros, como forma de respeitar a pluralidade cultural do município, acaba por permitir a existência de uma lacuna no tocante às histórias excluídas. De acordo com Anita Simis:

No estado democrático, o papel do governo, no âmbito cultural, não é produzir cultura, dizer o que ela deve ser, dirigi-la, conduzi-la, mas, sim, formular políticas públicas que a tornem acessível, divulgando-a, fomentando-a, como também política de cultura, que possam promover meios de produzi-la, pois a democracia pressupõe que o cidadão possa expressar sua visão de mundo em todos os sentidos. Assim, se, de um lado, se rechaçam as iniciativas que favorecem a “cultura oficial”, a imposição de uma visão monopolizada do Estado do que deva ser a cultura brasileira, por outro, não se pode eximir o Estado de promover esse direito social, de estimular e animar o processo cultural, de incentivar sua produção, sem interferir no processo de criação, e de preservar seu patrimônio móvel e imóvel. (SIMIS, 2016, s/p)

Portanto, porque a revista cumpre seu papel de preservar as histórias dos articulistas-colaboradores, é preciso ficar atento para que o objetivo da revista não se perca, transformando-a, puramente, em máquina de propagação ideológica do governo do município.

Quanto ao patrimônio material da cidade, a “Revista Raízes” não exerce grande influência em sua preservação. Ela estimula um vínculo do leitor com a cidade, como constatado nos depoimentos dos colaboradores; contudo não apresenta intervenções efetivas, voltadas, diretamente, à preservação do único bem público oficialmente constante (tombado) do patrimônio municipal □ a Igreja de São Caetano. Existem bens em tombamento provisório, a grande maioria deles, parques da cidade.

O **CONPRESCS** (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Caetano do Sul), criado há apenas seis anos, em 2010, pelo projeto de Lei 4.927, tem, como objetivo, deliberar sobre Tombamentos de Bens Móveis e Imóveis, que possuem relevância para o município, assim como atuar na preservação da memória local, junto à Fundação Pró-Memória. Esta, até 2016, conseguiu deliberar sobre o tombamento de apenas dois bens: o Hospital Municipal e o Museu Histórico Municipal. Mas a fundação não atua, diretamente, na “Revista Raízes”.

A publicação constitui meio impresso que cumpre seu papel de informar, entreter e educar o público-alvo, no caso, a terceira idade. Entretanto, como o conteúdo dela é alimentado, em parte, pelos articulistas-colaboradores, a falta de participação das novas gerações configura-se como problema.

Ainda que, nas entrevistas realizadas para este projeto, tenha sido possível encontrar colaboradores mais jovens, eles constituem a minoria. Essa baixa participação das novas gerações constitui problema, já constatado pelos organizadores da revista, que, entretanto, não se resolverá somente pela digitalização de todas as edições, disponíveis para download no site da

Fundação Pró-Memória. A iniciativa de disponibilizá-las, gratuitamente, com certeza, ampliou o alcance da revista. Todavia o problema aqui não está no acesso à publicação, mas no conhecimento de que ela existe

De fato, divulga-se, minimamente, a revista pelo Facebook; a divulgação centraliza-se mais nos jornais locais – *Jornal de São Caetano* e *Diário do Grande ABC* – e nos e-mails cadastrados. Por isso, não chega a grande número de pessoas. Nessa direção, faz-se necessário retroalimentar esse sistema; talvez o primeiro passo seja aumentar a tiragem de exemplares de cada edição. Produzir um material de tamanha qualidade e deixá-lo disponível, fisicamente, para apenas 2000 pessoas (que têm consciência de sua existência) é atitude um tanto contraditória, quando se fala de uma cidade com, aproximadamente, 150.000 habitantes.

A Fundação Pró-Memória toca, além da “Revista Raízes”, outros projetos relacionados à documentação histórica. Um deles é o “Encontro com a História”, o qual fornece suporte a professores e alunos da rede municipal, para que aprendam sobre a história regional – matéria obrigatória no 3º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal – aproximando as novas gerações dos temas relacionados à memória. A “Revista Raízes” trata do mesmo tema, porém não disponibiliza, hoje, espaço a esse importante tema. Nessa direção, para aumentar o potencial de alcance da revista e de garantir, nela, a participação das novas gerações, crianças e jovens, deve-se abrir espaços, em concursos culturais, para que exponham o que aprenderam sobre o conteúdo da história regional, em sala de aula.

Como se vê, por meio das crianças e dos jovens, as famílias deles também descobrem a história da cidade, através das atividades propostas pela escola e pela Fundação Pró-Memória. Portanto tal estratégia constitui boa forma de aumentar, consideravelmente, o número de pessoas atingidas por esse conteúdo, democratizando-o.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Lilian Crepaldi de Oliveira. **Babel nas terras alagadiças: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul**. 2014. Dissertação (Doutorado em Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade** - 10a ed. - Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. 2a ed. - São Paulo: Aleph, 2009.

JOVANOVIC, A. Sinal verde para divulgar pesquisa. **Revista Raízes**. São Caetano do Sul, n.1,p.2, jul. 1989.

LONDRES, Cecília. **O patrimônio histórico na sociedade contemporânea.** In: Escritos. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 1, no 1, 2007, 284p.

MACHADO, Jurema. **Comunicação de Cidades Patrimônio Mundial no Brasil.** Brasília: UNESCO, IPHAN, 2010.

MEIHY, J. Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002, 4a edição.